

Neocolonialismo Chinês na América Latina

Uma Avaliação de Inteligência

AVIADORA CABO STEFFANIE G. URBANO,
FORÇA AÉREA DOS EUA



Fonte: Autora

Neocolonialismo

O neocolonialismo é a prática de usar a economia, a globalização, o imperialismo cultural e a ajuda condicional para influenciar um país em vez dos métodos coloniais anteriores de controle militar direto (imperialismo) ou de controle político indireto (hegemonia). O neocolonialismo difere da globalização padrão e da ajuda ao desenvolvimento na medida em que normalmente resulta em um país que se torna dependente, subserviente ou financeiramente amarrado à nação neocolonialista. Isso pode gerar um grau excessivo de controle político ou obrigações de dívida em espiral, que imita funcionalmente a relação mercantilista entre as nações imperiais e as suas colônias.¹

A República Popular da China construiu laços cada vez mais fortes com algumas nações africanas, asiáticas e europeias que podem, sem dúvida, ser caracterizadas como neocolonialismo clássico.² Esta avaliação de inteligência explora como

as atividades chinesas na América Latina e no Caribe estão seguindo esse padrão de neocolonialismo ou “imperialismo da nova era”.

Projeto de Pesquisa

Impacto. Embora a extensão do envolvimento chinês na América Latina e no Caribe esteja bem documentada, o impacto da crescente influência chinesa é mal compreendido e muitas vezes desconsiderado. O objetivo deste estudo é analisar como a China está criando relações com os países latino-americanos no âmbito do neocolonialismo e o impacto prejudicial desta relação sobre a estabilidade regional e a hegemonia/liderança dos EUA. Sob uma perspectiva humanitária, os EUA enfatizam a importância da soberania e estabilidade dos países como facetas sociopolíticas fundamentais para garantir a segurança e a proteção da população local. Sob uma postura política e econômica, a crescente influência chinesa afetará diretamente, e provavelmente dificultará, as iniciativas políticas dos EUA e os acordos econômicos com os países latino-americanos. Além disso, a presença física e influente da China na América Latina representa uma ameaça à segurança nacional dos EUA, dada a proximidade geográfica desta com os EUA. Essa proximidade representaria um desafio à estratégia há muito empregada pelos EUA de utilizar a distância geográfica como uma vantagem crítica para a defesa da pátria.

Esta avaliação se baseia em observações prévias e análises preditivas, utilizando precedentes observados na África como base para entender a intenção da China e identificar indicadores preditivos. A China começou a expandir agressivamente a sua presença na África antes de iniciar programas similares na América Latina. Isso proporciona uma lente baseada no tempo, através da qual podemos examinar o progresso atual da China na América Latina. Com base no progresso atual da China na África, podemos avaliar a trajetória projetada para a influência chinesa e o seu desenvolvimento na América Latina. Isso significa que a China está mais adiante na linha do tempo na África, mas está seguindo essa mesma trajetória na América Latina.

Restrições. É fundamental notar que o escopo deste estudo foi limitado a reportagens não classificadas e de fonte aberta, a maioria das quais foram encontradas através de consultas em ferramentas de busca públicas disponíveis nas redes governamentais. Assim, foram excluídos materiais da maioria dos meios de comunicação estrangeiros e de sites não aprovados.

Essa limitação de recursos é provavelmente um fator importante ao interpretar os resultados deste estudo devido à inclusão limitada de contra-argumentos à política dos EUA ou análises de atividades da China que se assemelham à política externa dos EUA. Consequentemente, o escopo da pesquisa é limitado e a

exclusão não intencional de certas perspectivas ou argumentos pode ser uma limitação do estudo.

A Economia é a Principal Ferramenta

Usando a Dívida para Coagir Apoio

Uma das maiores armas da China contra países latino-americanos com dificuldades financeiras é a diplomacia da dívida.³ A China usa os empréstimos maciços concedidos à América Latina para ganhar influência, forçar os governos a se comprometerem com termos desfavoráveis e para manipular as economias desses países.

A política de desenvolvimento ultramarino da China, frequentemente chamada de “diplomacia da armadilha da dívida”, depende da incapacidade das economias endividadas de pagar empréstimos chineses com juros altos como um meio de garantir a sua conformidade em apoiar os interesses geoestratégicos da China. A China tem sido acusada por membros da comunidade internacional de exigir que os países endividados participem em negociações secretas com licitações fechadas, e de aceitar preços não competitivos em projetos com exigência para contratar empresas estatais chinesas ou empresas filiadas ao Estado.⁴

Há mais de uma década, bancos chineses como o Banco de Desenvolvimento da China (CDP) e o Banco de Exportação-Importação da China (CHEXIM), tornaram-se grandes credores na América Latina. Entre 2005 e 2020, os empréstimos acumulados totalizaram mais de US\$ 137 bilhões, sendo a Venezuela, o Brasil, o Equador e a Argentina os principais beneficiários (ver Figura 1). A maioria dos empréstimos da China, cerca de 67% do total dos fundos, financiou projetos de energia e 20% apoiou projetos de infraestrutura. Esses empréstimos normalmente careciam de políticas condicionais, tinham termos menos rigorosos e diretrizes ambientais menos rigorosas em comparação com os empréstimos disponíveis através das principais instituições financeiras internacionais.⁵

Entretanto, a quantidade e o tamanho desses empréstimos diminuíram notavelmente nos últimos anos (ver Figura 2). Em 2020, os empréstimos de desenvolvimento da China para a América Latina foram inexistentes - provavelmente devido à economia chinesa prejudicada pela COVID e à sua falta de confiança na capacidade dos governos em dificuldades para fazer pagamentos durante a pandemia.⁶ Em média, a América Latina sofreu uma recessão de aproximadamente 8% do PIB total devido à COVID-19, tornando mais difícil a amortização de empréstimos chineses de longa data.⁷ O declínio subsequente dos empréstimos, combinado com a falta de pagamentos das nações latino-americanas, provavelmente estimulará circunstâncias ainda mais desfavoráveis para os países latino-americanos que tentem renegociar os empréstimos. Em última análise, esse processo de rene-

gociação da dívida provavelmente levará a China a manipular as atuais dívidas a seu favor - como forçar a aquisição de infraestrutura crítica - antes de retomar os empréstimos em massa na região.

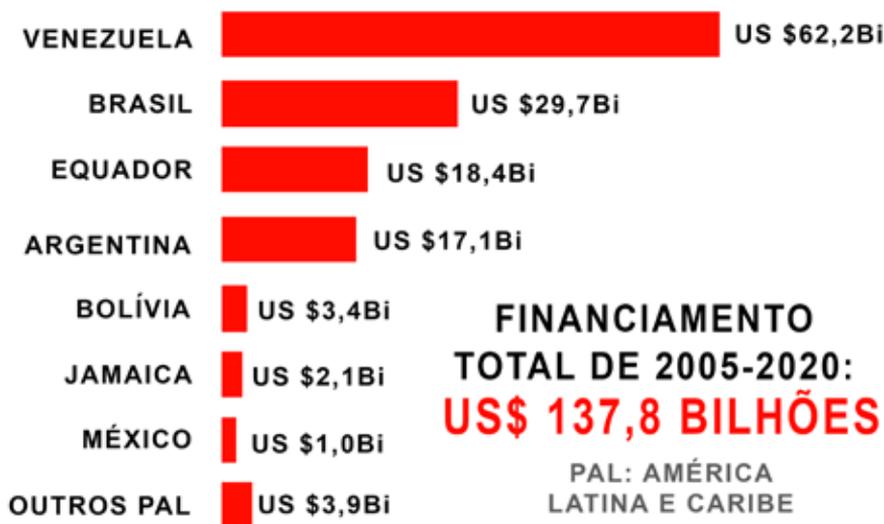


Figura 1. China: Financiamento na América Latina & Países do Caribe, 2005-2020

Fonte: Elaboração da autora com dados do Serviço de Pesquisa do Congresso, vol. IF10982

Como um exemplo de armadilha da dívida, a Venezuela e o Banco de Desenvolvimento da China firmaram um acordo simbiótico – uma parceria envolvendo empréstimos e petróleo - que estendeu créditos à nação sul-americana em troca de petróleo bruto. O acordo proporcionou um fornecimento constante de fundos econômica e politicamente comercializáveis que nenhum outro credor internacional poderia ou se disporia a oferecer à Venezuela. Para a China, a Venezuela foi um parceiro crucial em seus esforços para controlar os abundantes recursos naturais do país, incluindo suas vastas reservas de petróleo e na implementação de sua política externa agressiva. Entretanto, em 2014, os protestos antigovernamentais em massa na Venezuela deixaram o regime de Maduro incapaz de honrar os termos originais dos empréstimos de 60 bilhões de dólares que recebera de Pequim. Quase sete anos mais tarde, a Venezuela ainda está lutando para pagar a sua dívida com Pequim. Até agosto de 2020, a Venezuela ainda devia mais de US\$ 19 bilhões à China e havia negociado um acordo com os bancos chineses para um período de carência que duraria até o final de 2020 para pagar a dívida pendente.⁸ Os empréstimos massivos da China forçaram a Venezuela a se tornar dependente dos fluxos de caixa chineses, tornando-a desesperada o suficiente para criar uma legislação como a Lei Antibloqueio (ABL, sigla em inglês). A ABL permite o investimento

nacional e estrangeiro em infraestruturas anteriormente exclusivas do Estado. Como a Venezuela continua incapaz de suprir as suas necessidades básicas, o regime de Maduro é forçado a depender de atores estatais externos.⁹ O estado socioeconômico deteriorado da Venezuela dá à China muito mais poder de influência sobre o país em comparação com a época do início do empréstimo e cimenta a relação neocolonialista de dependência financeira venezuelana.

Em 2018, uma crise semelhante ocorreu no Sri Lanka. Depois que o Sri Lanka batalhou para pagar os empréstimos para o desenvolvimento do porto de Hambantota, o governo do Sri Lanka se envolveu em meses de negociação com o governo chinês e finalmente entregou o porto e 15.000 acres de terra em torno dele a Pequim, que controlará esses valiosos ativos por 99 anos.¹⁰ É muito provável que a China faça uma apropriação semelhante com a infraestrutura petrolífera venezuelana se a Venezuela não for capaz de pagar a dívida pendente.

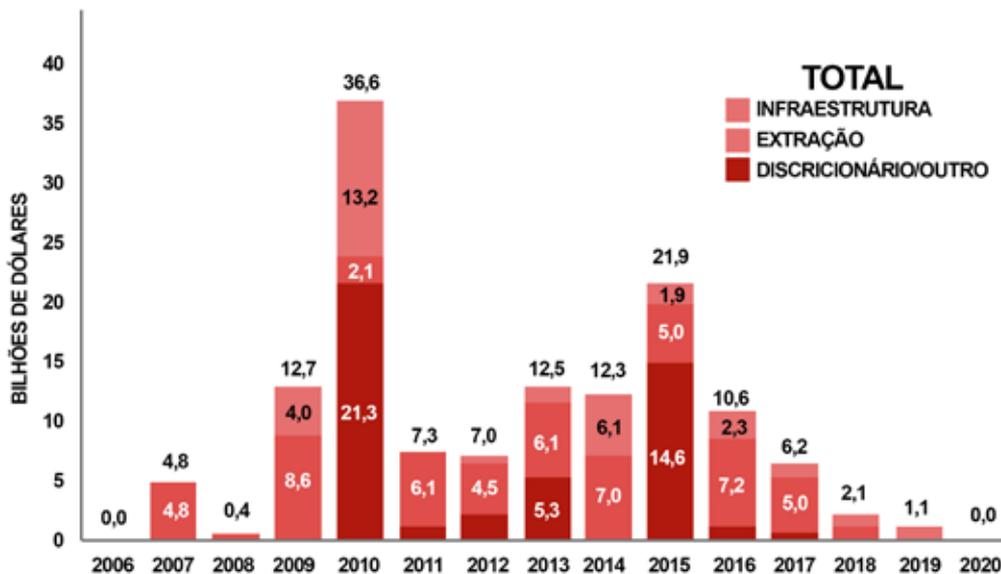


Figura 2. Empréstimos do CDB e CHEXIM para Governos de Países Latinos, 2006-2020

Fonte: Elaboração da autora com dados do Diálogo Interamericano e da Universidade de Boston

Novas “Colônias”

Outra ferramenta que a China utiliza, que reflete diretamente o colonialismo tradicional, é a tentativa de criação de Zonas Econômicas Especiais (ZEEs) na América Latina. Em 2018, a China propôs uma série de projetos em El Salvador envolvendo não apenas a construção e operação de instalações portuárias, mas também o estabelecimento de seis ZEEs, que englobariam 14% do território na-

cional (ver Figura 3). Os projetos mais significativos propostos concentraram-se na conversão do porto de La Unión em um centro logístico regional a ser operado por empresas chinesas.¹¹ Em particular, uma disposição das ZEEs propostas possuía todas as características de um negócio “perfeito”: impediria qualquer empresa que já pagasse impostos em El Salvador de fazer parte da ZEE. Essa parte da proposta significava que empresas americanas, como a Hanes (um dos maiores empregadores de El Salvador) seriam excluídas das operações nas ZEEs propostas pela China.¹²



Figura 3. Porto da União e ZEEs propostas em 2018

Fonte: B. Russel, *America's Quarterly*

Apesar de não haver especificidades sobre os aspectos financeiros das ZEEs propostas, é provável que a China esteja buscando o estabelecimento de ZEEs em El Salvador para capitalizar o acordo aduaneiro especial existente entre El Salvador e as vizinhas Guatemala e Honduras, expandindo, assim, a presença de Pequim na América Central. Essas ZEEs provavelmente permitirão que a China e El Salvador obtenham seu objetivo comum de transformar o Porto de La Unión em um centro comercial regional. A longo prazo, esse é um caminho direto para que a China forme uma pseudocolônia no exterior.

Uma situação semelhante já está em andamento na Tanzânia, onde a China está demolindo cinco vilarejos ao longo da costa para criar espaço para um megaporto chinês de 10 bilhões de dólares e uma ZEE apoiada por um fundo soberano de Omã.¹³ Esses exemplos se encaixam no modelo econômico do neocolonialismo,

uma vez que a diplomacia da armadilha da dívida força uma dependência do apoio monetário chinês e as ZEEs permitem a expansão econômica e social da China. As instituições financeiras chinesas implementam contratos vinculativos para empréstimos e as condições se aprofundam, muitas vezes utilizando infraestrutura ou acordos políticos como garantia. As ZEEs acabarão por apoiar a população e as empresas estatais chinesas no exterior, ao mesmo tempo em que dessensibilizam a população local para a presença chinesa. Esses fatores contribuem para o objetivo da China de projetar o poder chinês e garantir a disponibilidade de recursos, ao mesmo tempo em que contrapõem a influência dos EUA.

Globalização

Comércio como Garantia

O uso da globalização como ferramenta para neutralizar a percepção da presença e das aquisições chinesas sob um disfarce benigno de investimento econômico e comércio em uma região com forte dependência de investidores e corporações estrangeiras está ligada às estratégias econômicas da China na América Latina. Essa associação positiva das táticas comerciais chinesas com a globalização também molda a presença, produtos, materiais, trabalhadores chineses, etc., sob uma luz favorável, facilitando o neocolonialismo chinês na América Latina. O comércio total entre a China e os países da América Latina e Caribe aumentou mais de 1.600%, de pouco menos de US\$ 18 bilhões em 2002, para US\$ 316 bilhões em 2019.

Em 2020, apesar do declínio de dois dígitos no comércio mundial devido à pandemia,¹⁴ o comércio total da China com a região apresentou apenas uma ligeira queda, de 0,32%, indo para US\$ 315 bilhões. Em 2020, as importações feitas pela China na região atingiram US\$ 165 bilhões, consistindo principalmente de recursos naturais, enquanto as exportações da China totalizaram US\$ 150 bilhões (ver Figura 4). A China tornou-se o principal parceiro comercial do Brasil, do Chile, do Peru e do Uruguai, e o segundo maior parceiro comercial de muitos outros países da América Latina e do Caribe. A China tem acordos de livre comércio com o Chile, a Costa Rica e o Peru.¹⁵ Essa relação comercial cada vez mais forte leva muitos países latino-americanos a aceitarem a China, dando a Pequim uma margem extra de manobra tanto nas negociações quanto no controle geral. A crescente presença econômica da China na América do Sul (que viu um aumento de 480% no volume de investimentos entre 2008 e 2018 e mais de US\$ 150 bilhões em empréstimos oficiais entre 2007 e 2017) impactou positivamente a criação de empregos, a inovação científica e a relevância geopolítica da América Latina.¹⁶ Muitos países latino-americanos reconhecem os inconvenientes das relações com a China, mas são incapazes de recusar as recompensas a curto prazo.¹⁷

Empresas Estatais Chinesas Predatórias

No entanto, tensões têm surgido como resultado dos registros inconstantes de sustentabilidade de produtos das empresas chinesas e da falta de vontade de adotar práticas significativas de responsabilidade social corporativa que vão mais além do que os pronunciamentos oficiais. A resistência do país anfitrião à crescente presença da China é especialmente acentuada nos países anfitriões onde a capacidade regulatória do governo é fraca e a população local é marginalizada.¹⁸

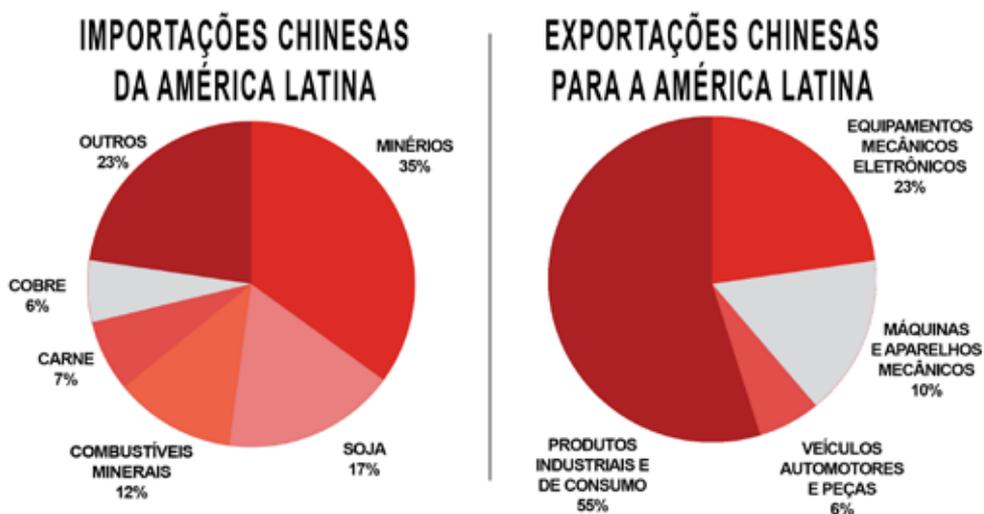


Figura 4. Importações e Exportações Chinesas para a América Latina em 2020

Fonte: Elaboração da autora com dados de A. Arredondo, *Diálogo Américas*

Por exemplo, o antagonismo contra as empresas estatais chinesas (SOE, sigla em inglês) é particularmente drástico no Equador. O Equador depende dos rendimentos de petróleo da China em 26% de suas receitas e tem uma longa tradição de nacionalismo de recursos. Enquanto o petróleo e o gás já compreendem mais de 60% das exportações do Equador para a China, o governo equatoriano recebeu US\$ 6,5 bilhões em empréstimos de Pequim para financiar seu setor de hidrocarbonetos. O maior projeto petrolífero da China lá, o Projeto Andes, de US\$ 1,47 bilhões, está inteiramente localizado na Amazônia e principalmente na Bacia do Oriente e no Parque Nacional Yasuni. Desde agosto de 2015, a perfuração de petróleo pelos chineses, no parque, tem provocado uma oposição feroz das populações indígenas. A marginalização das empresas indígenas por parte do governo central equatoriano desde o início dos anos 2000 contribuiu para as lutas internas e disputas ambientais que incentivaram as empresas estatais chinesas a agir de

forma agressiva. Os investimentos chineses nos setores de mineração e infraestrutura do Equador alimentaram uma nova onda de protestos antigovernamentais e antichina. A situação tem se deteriorado a ponto de causar agitação social na comunidade local, com o governo declarando estado de emergência. Membros das comunidades locais e indígenas estão agora deslocados internamente e não podem retornar às terras ocupadas pelas empresas estatais chinesas.¹⁹

Esse caso é um exemplo típico das interações disfuncionais entre as empresas chinesas e as comunidades locais. As empresas chinesas estão adquirindo indústrias domésticas e repovoando-as com trabalhadores e administradores chineses. As operações de fusões e aquisições (M&A, sigla em inglês) são compras únicas orquestradas entre empresas chinesas e latino-americanas. As fusões e aquisições (M&A) chinesas aumentaram de US\$ 4,3 bilhões em 2019 para US\$ 7 bilhões em 2020 e estavam quase inteiramente concentradas na infraestrutura elétrica da região. Empresas e bancos chineses compraram uma participação de 83,6% na Luz del Sur do Peru, a maior empresa de eletricidade do Peru, por US\$ 4,1 bilhões; compraram a Chilquinta Energia, a terceira maior distribuidora de energia elétrica do Chile, por US\$ 2,4 bilhões; obtiveram uma participação de 50% na chilena Eletrans por US\$ 217 milhões; e adquiriram uma participação de 20% nos ativos da ICBC Argentina por US\$ 181 milhões.²⁰ As empresas chinesas estão estrategicamente em busca de empresas latino-americanas que poderiam levar a infraestrutura crítica da região ao controle chinês.

Influência Através do Investimento

A China convidou os países da América Latina e do Caribe a participar da Iniciativa do Cinturão e Rota (BRI, sigla em inglês), que está focada em difundir o desenvolvimento da infraestrutura apoiada pela China em todo o mundo. Atualmente, pelo menos 19 países da região estão participando da BRI (ver Figura 5). A China alavancou a BRI para assegurar que países latino-americanos dependessem financeiramente dela para projetos de construção de infraestrutura, permitindo uma presença chinesa prolongada na América Latina. Da mesma forma, a China oferece aos países latino-americanos oportunidades de infraestrutura e investimento, tais como 5G, Cidades Seguras, produção de energia e melhorias no transporte.²¹ Enquanto alguns países, como a Argentina, resistiram à adesão à BRI devido à preocupação com uma reação adversa dos EUA, a China continua a persuadir esses países a aderir através de oportunidades de investimento. Um exemplo desses esforços pode ser encontrado na Argentina, onde a China ofereceu um pacote grande e abrangente de produtos apresentando vários elementos pendentes de acordos bilaterais anteriores, incluindo projetos de larga escala para a construção de portos, barragens, ferrovias e usinas de energia nuclear.²² No en-

tanto, quer sejam ou não de marca BRI, praticamente todos os novos projetos na América Latina são agora financiados por empréstimos comerciais chineses, que muitas vezes permitem as armadilhas de empréstimo da China.²³ Os contratos para esses projetos incluem o compromisso chinês de longo prazo para financiamento, construção, manutenção e apoio, permitindo a possibilidade, até mesmo a probabilidade, de um controle chinês sustentado.



Figura 5. Países da América Latina Parte da BRI da China

Fonte: C. Devonshire-Ellis, *Briefing sobre a Rota da Seda*

Imperialismo Cultural

A comunidade chinesa ultramarina é estimada em pouco mais de 2 milhões na Área de Responsabilidade (AOR, sigla em inglês) do Comando Sul dos EUA (USSOUTHCOM, sigla em inglês). Na Argentina, no Brasil, na Colômbia e na Venezuela, a diáspora chinesa quase dobrou entre 2001 e 2011; triplicou no Chile e no México durante esse mesmo período (todos são países com fortes laços econômicos com a China). A população de pessoas nascidas na China aumentou de 50.447 em 1990 para 118.714 em 2015 em toda a América Latina e no Caribe (ver Figura 6).²⁴ A migração de famílias para se juntar aos trabalhadores chineses já estabelecidos na América Latina ressalta a atração da cultura chinesa para a América Latina. A criação de colônias e comunidades onde as populações emigrantes pudessem se estabelecer e ajudar a administrar as terras distantes foi uma abordagem decisiva dos colonizadores originais.²⁵

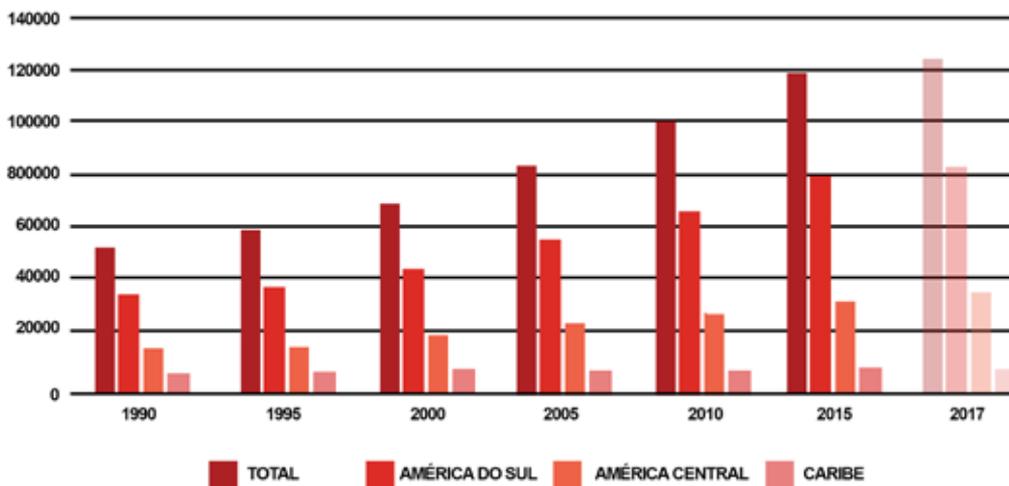


Figura 6. População Nascida na China por Regiões de Residência Atuais (1990-2017)

Fonte: Elaboração da autora com dados de D. Goodkind, Departamento do Censo dos EUA

Envolver a diáspora chinesa é parte da estratégia do poder brando de Pequim para combater as visões negativas da China no exterior e construir uma imagem positiva para apoiar a expansão do envolvimento econômico e político chinês - aumentando assim a influência global da China. Pequim frequentemente vê as pessoas com herança chinesa que vivem em outros lugares, como parte da China, e tem procurado fortalecer suas relações com essas comunidades e o acesso a elas. A China está se aproveitando da diáspora para facilitar as relações econômicas entre os setores privado e público do país anfitrião, isolar ou corroer a legitimidade taiwanesa e combater as mensagens dissidentes. A China envolve organizações chinesas e diásporas associadas, no exterior, através de operações de informação e intercâmbio cultural, para transmitir os pontos de vista da China para os membros da diáspora.²⁶

A Educação como Rota Chave

A China está usando sua rede global de Institutos Confúcio (CI, sigla em inglês) para projetar o poder brando em todo o mundo e, em particular, dentro da Área de Responsabilidade do Comando Sul dos EUA (USSOUTHCOM AOR).²⁷ A missão dos CI é estabelecer escolas chinesas credenciadas na América Latina com a esperança de atrair a diáspora chinesa e fortalecer a influência da cultura chinesa entre as populações locais de toda a região. Os Institutos promovem o discurso

pró-China; a BRI; o engajamento escolar/econômico multinacional; e a difusão da língua, cultura e ideologia chinesa através das universidades estrangeiras.²⁸

Atualmente, mais de 100.000 pessoas estudam nos 40 Institutos e nas 11 salas de aula do Confúcio na América Latina e no Caribe (ver Figura 7). Esses centros têm reunido escritores e cineastas chineses com seus pares latino-americanos e promovido atividades de intercâmbio entre acadêmicos e intelectuais latino-americanos e chineses nos campos do comércio, trabalho social, ambientalismo e tecnologia educacional.²⁹

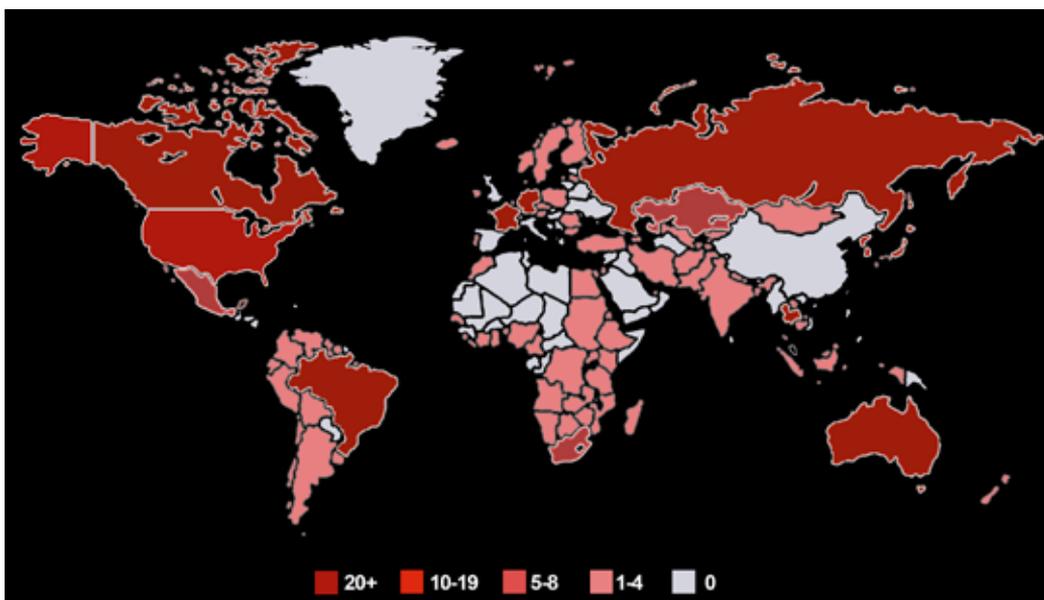


Figura 7. Institutos Confúcio no Mundo (2018)

Fonte: I. Hall, WENR

Intercâmbios Culturais

Um dos maiores pontos fortes da China são suas operações de informação que podem influenciar, tanto o governo nacional e local quanto a população em geral, para favorecer o envolvimento chinês. A China implementa uma série de iniciativas diretas para influenciar as elites políticas, a sociedade civil, acadêmicos e estudantes na América Latina. Entre as iniciativas de maior sucesso estão bolsas de estudo, cursos, seminários e convites para eventos patrocinados pelo governo chinês e/ou pelo Partido Comunista Chinês. De 2015 a 2019, a China prometeu fornecer 6.000 bolsas de estudo governamentais, 6.000 oportunidades de treinamento e 400 oportunidades para programas de mestrado na China com prática no ambiente de

trabalho, para os quais convidou 1.000 políticos de países latino-americanos. De 2016 a 2019, 24 autoridades argentinas, nove funcionários públicos mexicanos, várias autoridades e agricultores colombianos, 80 funcionários públicos dominicanos, 15 autoridades salvadorenhas e várias autoridades brasileiras participaram de seminários na China. Esses programas de treinamento expõem os participantes a uma história de sucesso do crescimento econômico chinês.³⁰

A China teve mais sucesso em influenciar as elites políticas e empresariais latinas e caribenhas do que em influenciar os meios de comunicação da região e os seus consumidores. A China obteve horários na mídia do Chile para mostrar uma “versão atualizada” de diferentes aspectos da cultura chinesa. Sua apresentação visual, conteúdo e estilo narrativo são modernos e atraentes; a natureza explicitamente propagandista do conteúdo da mídia, entretanto, não foi amplamente rejeitada pela população latino-americana.³¹

Não obstante, a China usa agressivamente essas iniciativas de poder brando para exercer influência em toda a AOR, de modo semelhante à forma como uma potência colonial do passado promoveu o sentimento nacional em seus estados subsidiários.

Ajuda Condicional

Diplomacia da Vacina

Um dos principais objetivos da política externa chinesa é o pleno reconhecimento da República da China e a rejeição da legitimidade soberana de Taiwan. O objetivo de Pequim é isolar Taiwan politicamente, atraindo para si países que presentemente mantêm relações diplomáticas com esse Estado. Atualmente, nove dos 15 países do mundo que reconhecem Taiwan estão na América Latina e no Caribe. Os 24 países latino-americanos restantes reconhecem e aderem à política de uma China Única (ver Figura 8). Notadamente, tão recente quanto em 2017 e 2018, o Panamá, a República Dominicana e El Salvador revogaram o reconhecimento de Taiwan em favor da República Popular da China.³²

Recentemente, a China usou a diplomacia da vacina COVID-19 para evitar que países como a Guatemala, Honduras, a Nicarágua e o Paraguai, que reconhecem Taipei, recebessem vacinas chinesas.³³ Notavelmente, Honduras, o Paraguai e, mais recentemente, o Haiti, estão em risco de mudar o reconhecimento devido a vulnerabilidades causadas pela COVID-19, agitação política e pressões econômicas. A China tem como alvo o Paraguai - o único aliado de Taiwan que resta na América do Sul - com diplomacia da vacina devido à baixa taxa de vacinação do Paraguai e ao alto número de casos de COVID. A China continua a pressionar o Paraguai a repudiar Taiwan em troca de vacinas e equipamentos médicos.³⁴



Figura 8. Países da América Latina que Reconhecem Taiwan ou a China

Fonte: C. Nugent, Time

Ocupação Militar

Uma das principais forças da China na América Latina é o observatório espacial em Neuquén, Argentina. O Controle Geral do Satélite Chinês de Lançamento e Rastreamento (CLTC, sigla em inglês), uma divisão do Exército de Libertação do Povo (PLA, sigla em inglês), financiou e concluiu a construção dessa estação de comunicação de espaço profundo na província de Neuquén em 2017. O projeto atraiu escrutínio e suspeita devido à base ser controlada e operada pelo PLA. A Argentina tem o direito de usar apenas 10% do tempo da antena de espaço profundo da instalação por ano, mas ainda não exerceu esse direito. Essa instalação pode ter utilidade além da observação astronômica, tal como o uso potencial de coleta de inteligência.³⁵ O observatório espacial Neuquén é um exemplo de ajuda condicional, pois a Argentina ganhou um novo observatório por um baixo custo em troca de abrigar a presença militar chinesa a longo prazo e de ceder o uso do espaço a entidades chinesas.

Alcance Estendido

A nova Lei de Defesa Nacional da China, promulgada em 1º de janeiro de 2021, expande drasticamente as estratégias militares da nação. Uma nova emenda menciona especificamente a mobilização da força militar para proteger os cidadãos,

organizações, instalações e interesses nacionais chineses no exterior. A emenda também constrói a estrutura legal para expandir a missão do PLA no exterior incluindo missões destinadas a assegurar projetos BRI chineses e a expandir a base chinesa no exterior. Também amplia o escopo da lei e fornece fundamentos legais para a soberania militar total ou parcial, unificação, integridade territorial, segurança nacional e interesses ultramarinos.³⁶

Na América Latina, a instabilidade política e os ataques de insurgentes domésticos podem ameaçar a segurança do pessoal chinês e de grandes projetos de infraestrutura. Até agora, a China tem enfrentado tais ameaças aumentando as vendas de armas e o treinamento aos governos locais da região, embora grande parte do equipamento tenha sido de natureza logística.³⁷ Entretanto, essa nova emenda poderia justificar a presença permanente das forças militares chinesas na região para proteger os interesses nacionais do país.³⁸

Uma China Global Única

Em resumo, os países da América Latina e do Caribe estão trocando seus produtos primários por produtos manufaturados chineses e a China está dominando as economias locais, levando os países a ficarem muito endividados com a RPC. A China também está exercendo maior peso nas dinâmicas da política local, cultural e de segurança, e os chineses no exterior estão estabelecendo seus próprios “enclaves de expatriados”.³⁹

Entretanto, é necessário observar que as intenções da China com a América Latina são tão importantes quanto o nível de influência que exercem em cada país. A estratégia internacional de longo prazo do Presidente chinês Xi é uma grande parte do que impulsiona a expansão da China na América Latina. O principal elemento de sua política é a preservação do povo e da cultura chinesa. Tudo o que a China faz, gira em torno da sustentabilidade da população a longo prazo. Portanto, à medida que os recursos da China diminuem dentro do país, a nação é forçada a se expandir para fora do seu território. Isso pode ser claramente observado na diáspora chinesa, onde a imigração é usada para moldar, sobretudo, o sentimento e as relações em um país anfitrião através de operações de influência e amálgama cultural. Entretanto, o deslocamento da população não se destina apenas à obtenção do controle da região, mas também para dispersar os chineses, o que permitiria, assim, o acesso da China continental aos repositórios de recursos naturais. Esses eventos são o começo de seu plano para, eventualmente, alcançar o verdadeiro mantra de “Uma China Única” - hegemonia global chinesa, sustentada através da imersão global.

Grande competição de poder pode ser vista em todo o mundo, mas os exemplos mais notáveis do neocolonialismo chinês podem ser encontrados na África e na

América Latina. A China aperfeiçoou suas táticas, técnicas e procedimentos na África e agora está estabelecendo as mesmas raízes na América Latina. Embora seja improvável que os EUA sejam capazes de destituir a China como a maior influência da África, ainda existe uma possibilidade dentro da América Latina.

Muitos países da América Latina e do Caribe contataram os EUA para ser seu parceiro preferencial em termos de engajamento econômico, político e militar, mas, até agora, os EUA não responderam.⁴⁰ A negligência dos EUA com a América Latina é a abertura que os atores de Estados malignos precisam para estabelecer uma forte base de operações no Hemisfério Ocidental. A oportunidade de combater a influência chinesa existe através de acordos comerciais, assistência humanitária, acordos de defesa, investimento em infraestrutura, operações de informação, e assim por diante. Os EUA podem intervir na América Latina para manter nossa vizinhança amigável, ou podem se sentar e assistir à sua dominação por intenções maliciosas. □

Notas

1. Prashad, Vijay. *As Nações Mais Escuras: A História de um Povo do Terceiro Mundo*. The New Press, 2007.

2. “Neocolonialismo.” Wikipédia, Fundação Wikimídia, 12 jul. 2021, en.wikipedia.org/wiki/Neocolonialism.

3. Ibid.

4. “Diplomacia da Armadilha da Dívida.” Wikipédia, Fundação Wikimídia, 20 jul. 2021, en.wikipedia.org/wiki/Debt_trap_diplomacy#By_China.

5. Arredondo, Alejandra. “Qual É o Impacto dos Empréstimos “Predatórios” da China para a América Latina?” *Diálogo Américas*, 13 nov. 2020, dialogo-americas.com/articles/what-is-the-impact-of-chinas-predatory-loans-to-latin-america/.

6. Ray, Rebecca, et al. “2020: Um Ponto de Inflexão na Relação China-América Latina?” *Centro de Política de Desenvolvimento Global, BU*, 2021, www.bu.edu/gdp/2021/02/22/2020-a-point-of-inflection-in-the-china-latin-america-relationship/.

7. Krumholtz, Michael. “Empréstimos Chineses para a América Latina Cessam.” *Relatórios da América Latina*, 24 fev. 2021, latinamericareports.com/chinese-loans-to-latin-america-run-dry/5531/.

8. OpIndia Staff. “Crise da Dívida Chinesa: Depois do Sri Lanka, Venezuela, o Próximo Alvo da Diplomacia da Armadilha da Dívida da China?” *OpIndia*, 17 fev. 2021, www.opindia.com/2021/02/sri-lanka-venezuela-the-next-target-of-chinas-debt-trap-diplomacy/.

9. De La Cruz, Antonio. “A Lei Antibloqueio: Uma Mudança no Modelo Econômico da Venezuela.” *Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais*, 7 out. 2020, www.csis.org/analysis/anti-blockade-law-change-venezuelas-economic-model.

10. OpIndia Staff. “Crise da Dívida Chinesa: Depois do Sri Lanka, Venezuela, o Próximo Alvo da Diplomacia da Armadilha da Dívida da China?” *OpIndia*, 17 fev. 2021, www.opindia.com/2021/02/sri-lanka-venezuela-the-next-target-of-chinas-debt-trap-diplomacy/.

11. Ellis, Evan. “China e El Salvador: Um Update.” Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais, 22 mar. 2021, www.csis.org/analysis/china-and-el-salvador-update.
12. Russell, Benjamin. “O Que Um Polêmico Acordo em El Salvador Diz Sobre os Grandes Planos da China.” *Americas Quarterly*, 15 ago. 2019, www.americasquarterly.org/article/what-a-controversial-deal-in-el-salvador-says-about-chinas-bigger-plans/.
13. Van Mead, Nick. “China na África: Desenvolvimento Ganha-Ganha, ou um Novo Colonialismo?” *O Guardião, Notícias e Mídia do Guardião*, 31 jul. 2018, www.theguardian.com/cities/2018/jul/31/china-in-africa-win-win-development-or-a-new-colonialism.
14. “Comércio Deverá Despercar Conforme a Pandemia da COVID-19 Afeta a Economia Global.” WTO, 8 abr. 2020, www.wto.org/english/news_e/pres20_e/pr855_e.htm.
15. “O Engajamento da China com a América Latina e o Caribe.” Serviço de Pesquisa do Congresso, vol. IF10982, 1 jul. 2021.
16. Wu, Wenyuan. “O Elo Perdido nas Ambições Econômicas da China na América Latina.” *The Diplomat*, 25 fev. 2020, thediplomat.com/2020/02/the-missing-link-in-chinas-economic-ambitions-in-latin-america/.
17. “Neocolonização: O Plano da China Para Conquistar a América Latina.” *Mexicanista*, 4 nov. 2019, www.mexicanist.com/l/neo-colonization/.
18. Wu. “O Elo Perdido nas Ambições Econômicas da China na América Latina.” *O Diplomata*, 25 fev. 2020.
19. *Ibid.*
20. Ray. “2020: Um Ponto de Inflexão na Relação China-América Latina?” Centro de Política de Desenvolvimento Global, BU, 2021.
21. Devonshire-Ellis, Chris. “Empresas Chinesas à Caça na América Latina para Fusões e Aquisições Via Redes Terrestres e Marítimas.” *Briefing Sobre a Rota da Seda*, 10 jun. 2021, www.silkroadbriefing.com/news/2020/12/30/chinese-companies-hunting-in-latin-america-for-belt-and-road-ma/.
22. Camoletto, Mariano. “Argentina Busca Acordo com a China para Um Plano de Investimento de 30 Bilhões de Dólares.” *Fundeps, Gonzalo Roza*, 31 mar. 2021, fundeps.org/en/argentina-seeks-to-agree-with-china-an-investment-plan-for-30-billion-dollars/.
23. Blakemore, Erin. “Fatos e Informações sobre o Colonialismo.” *Cultura, National Geographic*, 3 mai. 2021, www.nationalgeographic.com/culture/article/colonialism.
24. Goodkind, Daniel. “A Diáspora Chinesa: Legados Históricos e Tendências Contemporâneas.” Departamento do Censo dos Estados Unidos, ago. 2019, p. 25.
25. Almen, Oscar. “O PCC e a Diáspora.” Fórum de Defesa Indo-Pacífico, Agência Sueca de Pesquisa em Defesa, 17 mai. 2021, ipdefenseforum.com/2021/05/the-ccp-and-the-diaspora/.
26. *Ibid.*
27. Wei He, Lucía. “Como a China Está Fechando a Lacuna de Poder Brando na América Latina.” *Americas Quarterly*, 12 abr. 2019, www.americasquarterly.org/article/how-china-is-closing-the-soft-power-gap-in-latin-america/.
28. Hall, Ingrid. “Institutos Confúcio e Programas de Intercâmbio dos EUA: Diplomacia Pública Através da Educação.” *WENR*, 3 abr. 2018, wenr.wes.org/2018/04/confucius-institutes-and-u-s-exchange-programs-public-diplomacy-through-education.
29. Hairong, Wang. “Comunicação Além das Fronteiras.” *Beijing Review*, 13 dez. 2018, www.bjreview.com/Lifestyle/201812/t20181210_800151009.html.

30. Trevisan, Claudia. “Comércio, Investimento, Tecnologia e Treinamento São as Ferramentas da China para Influenciar a América Latina.” Conselho de Relações Exteriores, 2020. Nugent, Ciara, e Charlie Campell. “O Esforço da China para se Tornar o Aliado Mais Importante da América Latina.” Time, 4 fev. 2021, time.com/5936037/us-china-latin-america-influence/.

31. Ibid.

32. Harrison, Chase. “Vacinas Reacendem o Debate China vs. Taiwan na América Latina.” AS/COA, 12 mai. 2021, www.as-coa.org/articles/vaccines-reignite-china-vs-taiwan-debate-latin-america.

33. Seligman, Lara. “Exército Americano Alerta sobre Ameaças da Estação Espacial Gerenciada pelos Chineses na Argentina.” Foreign Policy (Política Externa) 8 fev. 2019, foreignpolicy.com/2019/02/08/us-military-warns-of-threat-from-chinese-run-space-station-in-argentina/.

34. Ibid.

35. Feng, John. “Nova Lei de Defesa da China Pode ‘Justificar’ a Ação do PLA Contra o Think Tank dos EUA.” Newsweek, 13 jan. 2021, www.newsweek.com/new-china-defense-law-justify-pla-action-against-us-think-tank-1561146.

36. Heath, Timothy R. “Como a China Está Perseguindo a Segurança no Exterior.” Corporação RAND, 26 mar. 2018, www.rand.org/pubs/research_reports/RR2271.html.

37. Hairong. “Comunicação Além das Fronteiras.” Beijing Review, 13 dez. 2018.

38. Etzioni, Amitai. “A China É Uma Nova Potência Colonial?” O Diplomata, 21 nov. 2020, thediplomat.com/2020/11/is-china-a-new-colonial-power/.

39. Ibid.

40. Aragão, Thiago de. “Os EUA Ainda Não Entendem a Estratégia da China na América Latina.” O Diplomata, 8 set. 2021, thediplomat.com/2021/09/the-us-still-doesnt-understand-chinas-strategy-in-latin-america/.



**Aviadora Cabo Steffanie G. Urbano,
Força Aérea dos EUA**

Aviadora Cabo Urbano é uma especialista em inteligência, designada no 612º Centro de Operações Aéreas, Base da Força Aérea de Davis-Monthan, Arizona. Urbano trabalha atualmente como Analista Líder de Pesquisa no Núcleo Sul de Atores de Estados Malignos da Força Aérea, onde seu trabalho centra-se no envolvimento chinês, russo e iraniano na América Latina e no Caribe e seus efeitos sobre os interesses dos EUA na região. Antes de seu alistamento, Urbano estudou Assuntos Globais e Direito Internacional na Honors College da Universidade de George Mason. Através de numerosas peças publicadas e documentos técnicos e como uma relatora, Urbano expõe o peso econômico, político e social dos atores de Estados malignos na América Latina.